

A INDEPENDÊNCIA SÓ EXISTIRÁ COM A LIBERTAÇÃO ECONÓMICA

— mensagem ao Povo moçambicano do Presidente Samora Moisés Machel

«As fórmulas adoptadas para a solução dos problemas que a Organização da Unidade Africana teve de enfrentar foram as que salvaguardaram a unidade e reforçam os laços de solidariedade que unem as nações e povos africanos» — disse o Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique no discurso ontem radiodifundido a propósito do 13.º aniversário da fundação da OUA — que mais à frente acrescentou: «A independência não existe sem a libertação económica. A luta para a libertação económica está intimamente associada ao desenvolvimento e triunfo das classes trabalhadoras para imporem o seu poder, derrubando a ditadura das burguesias servis ao imperialismo. Assim a África unir-se-á aos países socialistas e às forças progressistas nos países capitalistas na luta da humanidade contra o colonialismo e imperialismo, contra a exploração do homem pelo homem pela edificação de uma nova sociedade».

Neste discurso o Presidente Samora Machel pôs em destaque que neste momento «África engaja-se num novo combate tão decisivo como a luta pela independência», o combate pela liquidação do subdesenvolvimento.

Damos a seguir o texto integral do discurso:

Moçambicanas, Moçambicanos, Camaradas,

Comemoramos hoje, 25 de Maio, o 13.º aniversário da Organização da Unidade Africana.

Moçambique, país independente e soberano, já membro da OUA celebra em seu território a passagem desta data de tão grande significado para o continente africano e para a comunidade política internacional.

Em 25 de Maio de 1963, a reunião de Chefes de Estado e de Governo, que teve lugar em Addis-Abeba, decidiu a constituição da Organização da Unidade Africana. Tal como mostram os princípios inscritos na sua Carta, a Organização chamou a si a realização dos mais profundos anseios dos povos de África, ainda escravizados pelo colonialismo e pelo imperialismo.

A libertação do Continente, afirmação da personalidade africana a consolidação dos países já então independentes foram os mais importantes dos objectivos definidos pela Carta da Organização da Unidade Africana. Como a sua própria designação claramente estabelece, a Unidade é o instrumento principal na realização de tão altos objectivos.

Graças a este combate unido, caiu o império colonial inglês, caiu o império colonial francês. A luta unida dos povos africanos apoiando resolutamente a guerra de libertação dos povos de Moçambique, Angola e Guiné-Bissau, levou à derrocada o império colonial mais primitivo e bárbaro, o império colonial português.

Lição para o mundo, exemplo na História de todos os tempos, a África, continente para os outros apenas importante pelas suas muito cobizadas riquezas e potencialidades, constrói uma organização política a nível continental, que a liberta e une.

E essa organização cresce e impõe-se à escala planetária pelo exercício da solidariedade, pela consciência crescente e cada vez mais aguda da responsabilidade colectiva na solução dos problemas que afectam o nosso continente.

O princípio do reconhecimento a todos os povos do direito à autodeterminação e independência foi assumido a nível da Organização da Unidade Africana como sendo de aplicação imperativa e urgente. Para a sua plena realização em África, a OUA criou os instrumentos adequados e dotou-os com o melhor dos seus esforços e disponibilidades. Hoje Moçambique junta a sua voz ao conjunto dos países independentes de África e do mundo. Fê-lo após a vitória sobre as forças de agressão colonial, ao fim de dez anos de guerra popular de libertação nacional.

A determinação com que o povo moçambicano lutou de armas na mão, para destruir um dos mais duros e rententes regimes coloniais que a África conheceu, teve eco imediato no seio da Organização da Unidade Africana.

Os sacrifícios consentidos, o sangue que fecundou a nossa vitória, dissimulamos sempre, foram altamente valorizados pelo total e completo apoio que a nossa justa luta recebeu da OUA, porque essa luta era a causa do nosso continente.

A África, toda a África independente, os povos africanos viveram na sua carne e nervo a nossa luta, constituindo-se assim em retaguarda do combate libertador e concorrendo por isso para o isolamento e derrota do regime colonial português.

Esses factos determinam a razão porque celebramos a festa da Unidade do nosso continente, festa que exprime a determinação profunda dos povos africanos em unirem-se e derrubarem a dominação estrangeira.

O povo moçambicano que se encontrava privado da convivência com os outros povos irmãos, nesta celebração inspira-se na solidariedade de que foi objecto para firmemente renovar o seu engajamento em relação à causa da liberdade da África.

Mais do que uma vez os inimigos de África evocaram com júbilo a existência de contradições insanáveis no nosso seio. Mais do que uma vez declararam a OUA à beira da dissolução.

Mas, provam-no os 13 anos que agora se completam, todos os conflitos de interesse, todas as situações de crise foram sendo resolvidos, e sempre com o saldo bem positivo de uma clarificação de conceitos, de uma afirmação de princípios, de uma melhor definição de estratégias.

Nunca a África perdeu de vista que o objectivo supremo, a causa comum é a libertação do Continente. Libertação da dominação colonial, libertação da exploração, libertação do obscurantismo. As fórmulas adoptadas para a solução dos problemas que a Organização da Unidade Africana teve de enfrentar foram as que salvaguardam a unidade e reforçam os laços de solidariedade que unem as nações e povos africanos.

A comprovada vitalidade da OUA não se funda na apregoada tendência para o compromisso e capitulação perante o inimigo. É inegável que, em comparação com o que se defendia no início dos anos 60, o próprio conceito de independência e unidade apresentam-se hoje com novos requisitos de combate de conteúdo e de forma.

A independência não existe sem a libertação económica. A luta para a libertação económica está intimamente associada ao desenvolvimento e triunfo da luta das classes trabalhadoras para imporem o seu poder, derrubando a ditadura das burguesias servis ao imperialismo. Assim a África unir-se-á aos países socialistas e às forças progressistas nos países capitalistas na luta da humanidade contra o colonialismo e imperialismo, contra a exploração do homem pelo homem pela edificação de uma nova sociedade.

É evidente que este combate exige das forças de vanguarda a capacidade de assumir e desenvolver na prática a ideologia científica das classes trabalhadoras.

Este é um combate revolucionário que requer uma ideologia revolucionária. As aparentes clivagens que surgiram no seio da OUA e tendem a acentuar-se reflectem a realidade da agudização dos conflitos de classe no plano interno africano e mundial.

O processo da libertação nacional de Moçambique, Angola e Guiné concorreu neste quadro para a revalorização da noção de libertação, para a reformulação do conceito de unidade do contexto de uma luta de libertação nacional e para reconhecimento do novo conteúdo, nova dimensão da ideia de independência.

É com este aprofundamento de conceito, é com a importante contribuição dos combates vitoriosos da FRELIMO, MPLA e PAIGC que a Organização da Unidade Africana se engaja na difícil tarefa de apoiar a eliminação das derradeiras situações coloniais no Continente e a erradicação do sistema racista.

A Namíbia, a colónia da república racista da África do Sul, a colónia britânica da Rodésia do Sul, a colónia francesa da Costa da Somália



(Djibouti) são, a par com o regime desumano do «apartheid» da África do Sul as maiores preocupações da África no momento presente.

Também a falsa solução dos bantustões e às manobras imperialistas nas ilhas Comores e Seychelles são objecto da maior atenção por parte da Organização da Unidade Africana.

Mais do que nunca o combate actual apresenta-se como um desenvolvimento da luta de classes no plano interno e internacional.

O imperialismo depois das derrotas sofridas na Indochina e nas colónias portuguesas reviu a sua táctica de oposição sistemática ao movimento de libertação em favor da fábica de recuperação de movimentos nacionais com o objectivo de salvaguardar o essencial das estruturas capitalistas e do sistema de dominação.

É altamente significativo que o tema recomendado aos 47 países membros da OUA para as comemorações da Semana da África, que termina hoje, 25 de Maio, seja precisamente «Libertação Total de África».

Renova-se assim o apelo à responsabilidade colectiva dos povos africanos na libertação do nosso continente. Registamos com agrado que este apelo ocorre escassos meses após a intensificação da luta armada no Zimbábue, luta que Moçambique, consciente dos seus deveres de internacionalismo militante, apoia resolutamente.

As medidas recentes do Governo da República Popular de Moçambique, de aplicar rigorosamente as sanções votadas em diversas resoluções da OUA, da ONU e de outras organizações internacionais contra a Rodésia racista, constituem um acto de apoio à justa luta dos povos oprimidos da justa luta dos nacionalistas do Zimbábue.

As provocações contínuas do regime minoritário, ilegal e irresponsável de Ian Smith e as acções de sabotagem coordenadas pelo imperialismo contra a nossa economia, para assim comprometer a nossa capacidade de aplicar as sanções, serão ineficazes frente à determinação com que a FRELIMO, o Governo e o Povo da República Popular de Moçambique apoiam a luta do Zimbábue.

A África engaja-se num novo combate tão decisivo como a luta pela independência. Como parte integrante da sua luta de libertação ela desce a batalha para destruir a dominação imperialista sobre a sua economia, para utilizar e desenvolver a favor das massas os seus recursos económicos, para edificar a base material da nova Sociedade. É este combate que liquidará o subdesenvolvimento, conduzirá a novas relações económicas no plano internacional e estabelecerá a autêntica cooperação entre as nações. Assim compreende-se que a luta pelo desenvolvimento económico se apresente como uma nova frente do combate contra o imperialismo. A luta pela reconquista dos nossos recursos económicos e imposição de preços justos para os nossos produtos, a racionalização da utilização dos nossos recursos naturais, constituem marcos importantes para a conquista da independência económica.

As recomendações recentes dos vários organismos especializados da OUA reflectem a consciência da natureza injusta e opressora das relações económicas com os países imperialistas, e criam os instrumentos que um dia nos irão permitir traçar uma acção conjunta para a materialização do progresso económico das nações africanas.

Saudamos com entusiasmo esta nova prova da existência e projecção da consciência colectiva da Organização da Unidade Africana. Saudamos a consciência que a África revela da necessidade do combate resolutamente o imperialismo para se libertar da dependência, da miséria do subdesenvolvimento.

O dia de hoje, 25 de Maio, é assinalado no calendário da República Popular de Moçambique como uma data comemorativa. Assim, embora não se verifique interrupção do trabalho, é dever de todos os moçambicanos reservarem alguns momentos à reflexão colectiva, à análise do significado e importância da Organização da Unidade Africana.

Determinamos por isso que os grupos dinamizadores a todos os níveis, em todos os pontos do país, do Rovuma ao Maputo, nos locais de trabalho e nos locais de residência, promovam reuniões, fora das horas de trabalho, para discussão do tema proposto para este 13.º aniversário da OUA, «Libertação Total de África» e para explicação da importância da Organização da Unidade Africana na realização dessa libertação total do nosso continente.

Viva a Unidade Africana!

Viva a luta justa dos povos e classes oprimidos!

Viva a luta de libertação do Zimbábue, da Namíbia e da África do Sul!

Viva a Organização da Unidade Africana!

A LUTA CONTINUA!